



Uniceub Faculdade de Ciências da Educação e
Saúde

Centro Universitário de Brasília

FACES Curso de Psicologia

Professora orientadora: Ana Flávia Madureira

Disciplina: Produção de artigo

No limite do equilíbrio: desconstrução do capacitismo

Júlia de Souza Maia – 21383990

Junho

Brasília - DF, 2023

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar os desafios envolvidos na desconstrução de preconceitos, tendo como objetivo específico os relativos à desconstrução do capacitismo. Vivemos em uma sociedade onde práticas excludentes, discursos e ações discriminatórios e segregação correspondem à realidade de algumas pessoas. O preconceito, as práticas discriminatórias e excludentes estão presentes em diversos contextos da nossa história, e ainda hoje, no século XXI, há pessoas que acreditam que não somos capazes de realizar algumas atividades devido às características que apresentamos. Como uma pessoa com deficiência, sempre foi de meu interesse pessoal estudar o preconceito e suas implicações na vida diária, assim como suas possíveis e, na maioria das vezes, prováveis consequências. Na teoria, a inclusão e o respeito às diversidades é muito bonito, mas, quando colocado em prática, a visão pode ser bem diferente, e não condizente com o discurso. A inclusão envolve vários desafios, ainda mais no que diz respeito à desconstrução do capacitismo. O preconceito e a atitude preconceituosa podem desencadear ataques físicos, verbais e psicológicos e, por eles estarem tão presentes na sociedade, algumas pessoas adquirem uma postura capacitista, pondo a discriminação em prática com o poder de diminuir quem sofre com essas práticas discriminatórias.

Como contribuição às futuras gerações relativamente à desconstrução de preconceitos e do capacitismo, faz-se necessário debater o tema.

Palavras-chave: Preconceito, inclusão, capacitismo

Introdução

Eu, como uma pessoa com deficiência, tive e tenho que me reinventar diariamente para viver da melhor maneira possível, evidentemente, com consciência das minhas limitações. É horrível vermos que, em pleno século XXI, ainda existam práticas e atitudes preconceituosas e discursos discriminatórios, atitudes desrespeitosas, hostis e ofensivas. Essas atitudes são abomináveis e desumanas, e ninguém deveria passar por isso.

“Eu sou eu e minha circunstância”

Essa frase do filósofo, ensaísta, jornalista e ativista político [José Ortega y Gasset \(1883-1955\)](#)¹, remete-me às diversas circunstâncias do ser humano e nas quais ele está inserido. No meu caso, especificamente, à circunstância diferenciada com a qual nasci, assim como muitas e muitas pessoas, que vivem igualmente, lamentavelmente, a cotidiana realidade cruel do preconceito. Também acrescento uma parte da música da cantora estadunidense [Gloria Gaynor, “I Am What I Am”](#), disponível no YouTube². Nesta canção, a artista afirma, de maneira assertiva e poética, sua identidade, o que muito me toca, na medida em que parece que precisamos continuamente nos desculpar por sermos quem somos.

Ao nos depararmos com algum tema que tenha relevância para nós ou com o qual queremos trabalhar, às vezes vem à tona algumas inquietações e indagações relacionadas ao tema em questão:

- Práticas e discursos excludentes
- Práticas excludentes e suas implicações na saúde mental das pessoas em diversos âmbitos da vida cotidiana: podem mudar nossas vidas, deixando marcas, nos estigmatizando e desacreditando-nos. Com relação à intolerância, o despreparo, a insensibilidade, a falta de informação etc., não há muito o que dizer das pessoas que nos olham de maneira desconcertante e até intimidatória. São olhares que já seguiram e seguem as pessoas que elas julgam inferiores.
- Socialização, enquanto processo inerente à condição humana. Uma das possíveis causas do preconceito pode estar relacionada com o processo de socialização, ou seja, com o ser e estar no mundo, o que implica interações sociais. O bullying, o preconceito e a discriminação comprometem bastante a inserção, por exemplo, das pessoas com deficiência na sociedade, por fazê-las não se sentirem boas o bastante. Já fui maltratada tantas vezes que, quando encontro alguém pela primeira vez, já fico meio que na defensiva. Um olhar diz muita coisa, assim como um gesto. E podem machucar muito. É cruel, desafiador, e até um pouco assustador às vezes. Mas quando os olhares se transformam em atitudes e falatórios, sentimos na pele o que o preconceito pode fazer.
- Desconstrução do capacitismo e educação / mídia / família.

¹ “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não me salvo a mim” ([José Ortega y Gasset](#), *Meditaciones del Quijote*, 1914)

² <https://www.youtube.com/watch?v=zreTvtpTeoU>

O presente artigo teórico aborda a temática do preconceito. Por ser um tema muito amplo, o foco será na questão do capacitismo, e as bases sociais e psicológicas deste tipo específico de preconceito, que pode afetar uma grande parte das nossas vidas. O preconceito e as práticas discriminatórias têm relação com conceitos pré-definidos pejorativos de uma pessoa ou grupo de pessoas em relação a outras consideradas inferiores ou merecedoras de repúdio. Assim, é exercido um poder repressivo a quem foge dos padrões socialmente estabelecidos.

Problema de pesquisa: Como contribuir para a desconstrução do capacitismo no contexto educacional?

Objetivo geral: Analisar os desafios envolvidos na desconstrução dos preconceitos, tendo como objetivo específico a desconstrução do capacitismo.

Desenvolvimento

Por experiência própria, constato que nós nunca seremos capazes de suprir as expectativas das outras pessoas, o que alguns esperam de nós, por mais que tentemos. Cada um tem suas particularidades, singularidades, suas formas de viver e ser no mundo. E, a partir do contato com outras pessoas podem surgir comparações e os processos de diferenciação podem se tornar produções de exclusão. Isto pode gerar, entre outras coisas, uma visão “deturpada” de si mesmo/a, podendo assim afetar as dimensões psíquicas constituintes do ser humano, causando prejuízos à saúde mental do indivíduo, que é levado a acreditar que, por suas características e/ou limitações, não é capaz de realizar o que ele se esperaria.

É fácil julgar, apontar o dedo e até falar mal, sendo “falar mal” um dos graus de ação negativa proposta por Allport em seu livro. Acham que o sofrimento do outro é, uma espécie de fazer charme, fazem piada com a vida alheia, nossas histórias não passam de gritos e lamúrias querendo chamar atenção, quando não falam que você está fazendo drama quando dizem que estamos exagerando ou dizem que está tudo bem.

Há uma certa pressão social em SER e ESTAR e, acredito que em TER também. E essas pressões sociais, às vezes transcendem o âmbito pessoal, nos cobrando para que sejamos aquilo que “devemos” ser ou achamos que devemos ser, de acordo com o

juízo e os “achismos” alheios. Ser mulher, ser homem, gay, negro, branco, idoso. Enfim, o ser e como ele/ela está no mundo. Pressupõem-se que ser mulher tem que ser de um determinado jeito, homem de outro, idoso presume-se que sejam mais frágeis etc. Tudo isso baseado em julgamentos negativos, estereótipos exagerados. (Meyer, 2014).

O mundo é muito visual, onde há um padrão hegemônico do que seria “normal” e aceitável em uma sociedade, ou seja, vive de aparências onde se você quiser ser algo mais ou mudar de alguma maneira do que o “socialmente aceito”, o que é esperado, olhares de juízo podem se transformar em discriminações e discriminações se transformam em exclusões na grande maioria das vezes. Características, tanto físicas como biológicas podem e provavelmente vão depor contra nós, assim como depuseram anos atrás. E, “infelizmente você é o que você tem” e, arrisco em dizer, no que você é. Algumas pessoas, por focalizarem mais nas aparências das pessoas, julgam não serem ou poderem ser mais do que são, podem acionar mecanismos de discriminação.

Certas expectativas são criadas desde que somos pequenos, até antes de nascermos. Esperam que sejamos de determinado jeito, e, quando maiores, que nossas escolhas sejam de acordo com o esperado, ou em alguns casos, com que é aceito socialmente e, se sair daquilo “planejado” pode desapontar algumas pessoas. Tentar suprir as expectativas de quem quer que seja pode e, na maioria das vezes gera, um sofrimento significativo, seja psíquico ou físico.

Houve um tempo em que as mulheres não pertenciam a si mesmas, seus corpos pertenciam aos homens ou ao Estado; homossexualidade era crime; pessoas com limitações, pessoas com deficiência (PCDs) eram muitas vezes mortas ou trancafiadas em suas casas ou instituições; idosos eram considerados frágeis ao ponto de não mais serem levados em consideração.

É frustrante, momentos difíceis todos temos, não termos lugar no mundo. Ter uma circunstância diferenciada pode parecer uma sentença de morte, não pedimos para nascer como somos, ser de um jeito que possa nos causar alguns sofrimentos ao longo dos anos, muitas vezes somos desqualificados/as por sermos quem somos. É preciso, muitas vezes, ressignificar o que acontece conosco e como acontece. Procuramos validação para pertencimento por encontramos-nos excluídos de certos convívios.

“Já olhou para uma pessoa e pensou o que se passa na cabeça dela?”. O preconceito é um julgamento antecipado que, segundo Allport (1954), vem acompanhado por generalizações e hostilidades. Não é algo novo, é perpetuado por gerações, em diferentes culturas, ensinando desde cedo que quem é “diferente” merece ser excluído do convívio em sociedade, sendo digno/a de pena ou até exterminado/a. Essas atitudes discriminatórias a partir de “ensinamentos” de que as diferenças devem ser evitadas, podem trazer consequências negativas ao(s) indivíduo/os. Seja pela cor, etnia, raça, sexualidade, alguma circunstância diferenciada etc.

Vivemos em uma sociedade preconceituosa, machista, sexista e intolerante, coisas negativas mas positivas também, nem todas as pessoas são adeptas a rigidez do pensamento excludente. E, nem todos aceitam bem a convivência com as diferenças existentes no mundo. A verdade é que todos somos diferentes, temos nossas particularidades, o “diferente” gera ou, pode gerar, a oportunidade de nos vermos a partir de uma outra perspectiva, podendo haver práticas dialógica não só nas escolas como em diversos âmbitos da vida cotidiana, que talvez facilitem o convívio com o mundo diverso como ele é. “Precisamos olhar frontalmente para o preconceito” Karnal³ (2022), conhecer uma pessoa e conversar com ela tentando despir-se de seus valores e crenças e realmente procurar conhecer, saber daquela pessoa e, assim começar a dissipar a cultura de ódio existente.

Também vivemos em uma sociedade onde todo mundo julga todo mundo. A exclusão começa aí. Por falta de informação ou medo de sermos julgados, tendemos a nos esconder ou ter preconceito contra si mesmo, por não ser de “determinado jeito”. Woodward (2000) saliente a importância da marcação simbólica das diferenças, fazendo-se necessária mas, a partir do momento em que essas marcações envolvem processos de exclusões, discriminações e desqualificar o outro, entram em cena preconceitos traduzidos em atos discriminatórios, podendo levar a discursos de ódio a partir do fato das diferenças serem entendidas, como nos traz Godoy (2012), como sendo algo inferior.

³ Leandro Karnal, escritor. *Você tem medo de que?* Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/estilo/de-onde-vem-o-preconceito-e-como-a-sociedade-luta-para-combate-lo/>

Mas o que o preconceito pode fazer na vida de uma pessoa, como pode afetar sua vida? Quais as bases sociais e psicológicas do preconceito? A postura frente ao bullying, como o opressor se sente oprimindo sua vítima e que isso acarreta, a postura de quem oprime denota “uma fragilidade moral”, uma espécie de vazio existencial e, se sentindo-se superior aos demais, acham que podem inferiorizar as outras pessoas, julgando-os/as como de menos valia ou como explicita Cortella (2022), um ato de antipatia gratuita a alguém ou a algo. Assim como buscamos aprovação dos outros, buscamos validação, os “bullies”, ou seja, quem praticas essas atitudes discriminatórias, também o fazem mas às vezes de uma maneira mais violenta, mais abusiva.

A intolerância em relação as diferenças apresenta dimensões psíquicas e sociais, muitas vezes projetando medo e a insegurança, levando a possíveis ataques por presumirem que determinadas pessoas sejam um empecilho a sobrevivência e cujas características são consideradas por quem oprime, sinônimos de incapacidade. Tem relação com um sistema que cultua uma concepção de normalidade e de eficiência definida. Segundo a psicóloga Maria Tereza Maldonado (2019), o oprimido já foi o opressor e para mostrar-se superior.

O preconceito é um tema antigo e ainda sim atual, perpassando por anos, gerações e, muitas vezes (quase sempre) está ligado, como salienta Meyer, 2014, aos estereótipos fomentados na sociedade que presumi que temos que ser de um determinado jeito...” divertem-se com o sofrimento alheio”. E isso pode, como possível efeito, causar marcas psicológicas na vida de uma pessoa.

A práticas discriminatória tem implicações danosas a saúde mental as pessoas vítimas desses atos, é um assédio moral com danos psicológicos às vezes influenciando negativamente a vida do ser humano. O preconceito é uma construção social, não sendo inato e relacionado as interações sociais que estabelecemos com o/s outro/os, preconceito é uma atitude negativa, enquanto a discriminação é um comportamento, a expressão do preconceito dessa atitude. Scott (2005), afirma que “a igualdade só pode ser implementada quando os indivíduos são julgados como indivíduos” (pg. 13), essa afirmação é um pouco problemática pois por sermos seres sociáveis, sujeitos almejam validações e o sentimento de pertencimento a determinados grupos, o que pode acarretar discriminações por parte dos mesmos, por se sentirem superiores aos demais.

Allport em seu livro *A Natureza do Preconceito*, escrito em 1954, classifica que o preconceito se origina pela hostilidade que se tem com pessoas que possuem características

erroneamente tidas como negativas. O preconceito trata-se em inferiorizar alguém, falar mal, evitar contato, discriminar pessoas por serem socialmente considerados diferentes, atacar fisicamente alguém e, por fim, o extermínio que é a atitude mais extrema e que é um dos motivos por haver crimes de ódio no mundo.

Mas porque falar sobre isso? – “O tema nunca de fora”, na maioria das vezes são inquietações internas.... inquietações minhas na verdade. Falar de e sobre preconceito sempre foi uma questão causadora de incômodos de várias formas. E causa incômodo as injustiças para com as pessoas que não correspondem aos padrões socialmente estabelecidos- Falar sobre preconceito sempre foi uma questão e causa incômodo as injustiças para com as pessoas que não esteja nos padrões estabelecidos e onde quem não se encaixa nesses padrões é excluído.

Já somos tão estigmatizados... Pressupõe-se que temos que ser de determinado jeito, como se quisessem nos enquadrar, pôr em pequenas caixas todas padronizadas.... Isso e outras práticas discriminatórias que, muitas vezes acontecem nas pequenas ações cotidianas, configura-se uma manutenção do preconceito, onde as pessoas aprendem a superar expectativas e sobreviver da melhor maneira possível, quer dizer, da maneira que podem e conseguem. É o uso de poder com o intuito de controlar os outros. É uma expressão de violência, muitas vezes físicas e psicológicas, criando obstáculos que segundo Sasaki (1997), geram incapacidades ou desvantagens no desempenho de papéis sociais.

Não somos quem já fomos um dia, mudanças externas e internas às vezes são necessárias, cicatrizes visíveis e invisíveis são forjadas na pele como lembranças que surgem sem convite. Tudo isso para dizer que não importa o tempo que levar a gente consegue, apesar de duvidarem, nos reerguer ser do vasão ao pensamento que por sermos de uma determinada maneira não conseguiremos realizar tudo aquilo que desejamos. Em outras palavras, piadas maldosas, falatórios etc., pode fazer com que pessoas que são vítimas do de preconceito podem ser levadas a acreditarem que as características das não podem mudar, sejam negativas, querendo reduzir através da violência e o que digam a respeito das diferenças sejam verdades, destruindo sua autoimagem e confiança da/as pessoa/as.

Segundo a OMS (2008), estereótipo é como pensamos que determinada pessoa é, preconceito é como nos sentimos em relação e, discriminação é o preconceito

direcionado, posto em ação. O respeito às diversidades é uma utopia, que segundo Herriot (1976), seria uma sociedade desejável, o que consideramos mais desejável que, no caso seria uma sociedade mais tolerante, sem preconceito de nenhuma forma mas, a realidade não é bem assim, já melhorou um pouco mas ainda a muito a ser feito. Tem relação com a intolerância, falta de empatia, compaixão e relações de poder, no qual o opressor, quem pratica a discriminação, “projeta medo, insegurança e com isso oprime suas vítimas” (Crochik, 1996).

Historicamente falando as diferenças sempre existiram e eram vistas até condenáveis. A diferença é seu comportamento diante as diferenças, como conviver harmoniosamente com as diversas realidades existentes no mundo. A realidade é que todo mundo tem preconceito em algum nível. Alguém ser considerado socialmente diferente em qualquer instância não dá o direito de ser desqualificado por ninguém. A falta de tolerância e empatia contribuem para o culto as diferenças, evidenciando características definidas por outros como sendo negativas e podendo assim propagar o ódio.

Um dos grandes autores que trabalha com o conceito Bullying é Sasaki (1997), como dedicando-se para promoção de uma sociedade mais inclusiva. Ele salienta que, na perspectiva escolar há necessidade de mudanças no sentido de preparar da melhor maneira possível o ingresso de PCDs na rede de ensino pois, ainda existe instituições que continuam adeptos aos discursos discriminatórios e preconceituosos. É imprescindível que que o processo de inclusão, de todos/todas.

Conceito de deficiência e suas terminologias

Pela Organização Mundial da Saúde (2008), deficiência é a ausência ou disfunção de uma estrutura psíquica, fisiológica ou anatômica, um princípio de uma perturbação de tipo orgânica. E, pessoa com deficiência é aquele que tem algum tipo de impedimento físico ou cognitivo, de longo prazo e que cause algum tipo de impedimento/dificuldade na sua participação na sociedade.

Antes de se ter ou adquirir uma deficiência, pois uma deficiência pode ser do tipo congênita, ou seja, de nascença ou, adquirida em decorrência de um acidente, este podendo ser de curto ou longo prazo, inicialmente, ele ou ela é uma pessoa mas, tem gente que vê só a deficiência que o/a acompanha.

A terminologia foi sendo modificada ao longo dos anos para se referir às pessoas com deficiência e, atualmente se utiliza Pessoa com Deficiência ou a abreviação correspondente, PCD. Anteriormente foi-se utilizado Portador de Deficiência ou Portador de Necessidades Especiais (PNE) e, essas duas terminologia são as mais recentes, já tivemos palavras como EXEPCIONAIS, INCAPACITADOS, ESPECIAIS, até chegar em DIFICIÊNTES.

Desinchemos cada dessas nomenclaturas e falaremos o porquê não se usa mais. Começando que não portamos nada e nem somos especiais, pelo menos não por termos uma deficiência, somos pessoas e podemos ser ou não especiais para alguém, ter uma deficiência não torna alguém especial, torna ou pode tornar aquela pessoa com algumas limitações diferenciadas. Necessidade especiais? Temos nossas necessidades sim mas, o termo correto seria, no âmbito escolar por exemplo, necessidades educacionais especiais pois PCDs podem ter ritmos diferentes a uma pessoa que não seja PCD, ter uma necessidade de algum atendimento diferenciado etc.

Não somos e, me coloco no meio, incapacitados de nada, temos dificuldades, não há como “medir” nossa capacidade, isso é no dia a dia, na velha e boa tentativa e erro, a cada sai descobertas são feitas e tentativas investidas no intuito de alcanças o que almejamos.

O que é capacitismo?

Capacitismo é a discriminação, uma opressão em relação às pessoas com deficiência. É literalmente duvidar da capacidade de alguém, nesse caso, da pessoa que tem algum tipo de deficiência e, quando algum PCD é visto na rua, junto com a questão de duvidar de sua capacidade vem, geralmente atrelado a infantilização, levando a pessoa que duvida achar que aquela pessoa não pode falar por si mesmo/a e, algumas atitudes capacitistas estão presente em frases cotidianas, muitas vezes ditas sem que percebamos. Claro que tem pessoas que, tomando consciência do que é, como influencia negativamente outras pessoas, estão dispostas a combater o capacitismo e a disposição para a mudança fica mais propensa a acontecer. É um ato de desumanização da pessoa com deficiência. Baron (2022).

O capacitismo desumaniza as pessoas, fazendo-se com que se sentam menos humanos, diminuindo ou anulando suas capacidades e habilidades em todas as esferas da vida e, estão enraizados pelos estereótipos e pelos achismos das pessoas pelas

características de uma pessoa. Agressões físicas, verbais e até psicológicas foram e, por vezes ainda correspondem à realidade de algumas pessoas. Discursos e práticas excludentes estão presentes em diversos contextos de nossa história e ainda hoje tem quem assume que não podemos realizar tarefas cotidianas. O capacitismo favorece a desigualdade e obstáculos para a participação ativa de pessoas com deficiência na sociedade. Em outras palavras, o “capacitismo está para pessoas com deficiência como machismo está para mulheres ou racismo está para pessoas negras”⁴.

E como o capacitismo está presente no nosso cotidiano, pessoas, às vezes, sem se darem conta, cometem essa prática, usando expressões com “Exemplo de Superação” para se referir às pessoas com deficiência, como se precisássemos superar algo com a qual nascemos ou foi adquirida em algum momento da vida. Em seu *Guia Anticapacitista*, Ivan Baron comenta que a questão de ser ter uma deficiência precisa ser respeitada e não superada. Por se tratar de uma circunstância da qual nascemos ou adquirimos, aprende-se a viver com as limitações. Ele expõem outros exemplos de atitudes capacitista.

O autor Leandro Karnal (2022), aborda em um dos seus vídeos feito para a CCNN a questão do preconceito e comenta que a grande maioria dos crimes de ódio são motivados por preconceito, tanto racial quanto da comunidade LGBTQIA+, PCDs⁵, pessoas idosas, com religiões diversas, gordos.

Acima de tudo, somos pessoas e gostaríamos de ser tratados como tal. Existem características das quais não podemos mudar nem se quiséssemos. Às vezes, por medo do não pertencimento, medo dos julgamentos, tendemos a tentar esconder tais características que causa algum desconforto a outros mas fazem parte de nós. O processo de aceitação pode ser um período complexo pois, como vivemos em sociedade e estamos em constante contato com outras pessoas, buscamos algum apoio e validação e queremos o conviver, o participar mas, o fato de existir preconceito, discriminação e capacitismo, causa vários obstáculos a pessoas com deficiência.

Tipos de capacitismo

O capacitismo tem seus tipos: médico, recreativo e institucional. O capacitismo médico refere-se ao fato de associarem deficiência a doença; o recreativo são aquelas brincadeiras sem graça que às vezes, alguns colegas fazem; e, o institucional refere-se a

⁴ Episódio de Spofy: *Capacitismo e os desafios das pessoas com deficiência*

⁵ PCDs termo para se referir a pessoas com deficiência, proclamada em 2006 pela ONU.

“desacreditar” determinada pessoa por suas características físicas ou intelectuais. (Baron, 2022).

Mas como o capacitismo é, por definição “toda discriminação, violência ou atitude....” (Vendramin 2019). E, como está relacionado a duvidar da capacidade de alguém, porque não adicionar capacitismo racial, de gênero etc., mulheres negras podem ter seus corpos objetificada e homens negros podem ser associados a maus ou perigosos; gays e lésbicas podem ouvir que é só uma fase ou que não teve quem o/a concertasse, tem pessoas que se acham no direito de desrespeitar;

Já ouviu falar de bullying familiar? Existe e nem sempre é intencional e vem como uma espécie de preconceito velado, algumas vezes podendo ser um tipo de violência, uma violência psicológica. Alguns não fazem por mal, assim espero, é com uma forma de proteção ou até um ato de gentileza, descreve um dos relatos incluído no guia Anticapacitista. - “Muitas vezes o capacitismo vem de pessoas próximas” – Algumas pessoas com uma criação muito rígida, principalmente que tenham uma mentalidade mais fundamentalista, enraizada numa sociedade machista, misógina, autoritária e preconceituosa, podem manifestas muitas vezes sem intenção uma atitude. É aí que, tendo abertura para o diálogo, pode-se desmistificar o que pensem sobre determinada pessoa.

Pessoas com ou sem deficiências sabem que algumas vezes pode ser rejeitadas, é uma realidade, dura mas real. Também, muitas vezes somos inferiorizadas, infantilizadas e marginalizadas por características que não pedimos mas vieram mesmo assim.

Violência contra PCD

Calhau (2011), nos traz a definição de assédio moral como destruição da estrutura psíquica de uma pessoa. E, como dito anteriormente violência, de qualquer forma, podem deixar marcas profundas, nem sempre visível. PCDs são consideradas pessoas em situação de vulnerabilidade, podendo assim serem mais propensas a situações de violência.

Quando falamos de violência, é comumente associarmos, algumas pessoas, a violência física como bater, espancar, morder etc. mas, existe o que chamamos de violência silenciosa, a violência psíquica, que tem por intuito a destruição da autoestima, da autoimagem, destinando-se a humilhar suas vítimas.

Assim como atitudes capacitistas vem com o objetivo de duvidar das capacidades dos PCDs, a postura de que essas pessoas sejam incapazes pode incitar ataques violentos por acharem que pessoas que possuem algumas deficiência são indefesas

Barreiras para a inclusão social

Maya Angelou, escritora e ativista dos direitos civis estadunidenses escreveu: “o preconceito é um fardo que confunde o passado, ameaça o futuro e torna o presente inacessível”⁶. Essa citação exemplifica o fato de que precisamos entender o preconceito como fatores históricos mas combinados com o estímulo de práticas dialógicas, não só no âmbito escolar, que se fazem necessárias para a desconstrução do preconceito, trabalhando para não reproduzir discursos preconceituosos e atitudes capacitistas, e assim propagar uma cultura de paz e uma convivência harmoniosa. Não podemos normatizar o preconceito, “(...) ele não pode ser compreendido como algo normal ou natural” Cortella (2022).

O processo de inclusão tem sido um desafio a ser alcançado, especialmente com os estereótipos exagerados deduzindo que determinada pessoa seja de determinada maneira. Uma das causas da exclusão é a dificuldade de lidar e conviver com as diferenças, resultado muitas vezes na marginalização de diversos grupos historicamente e socialmente excluídos e discriminados. No âmbito educacional, apoiado por uma organização que se destina ou se destinava, pois essa realidade vem se modificando, a alunos/as ideais, padronizados por uma concepção de normalidade de eficiência definida, é de extrema importância o desenvolvimento de uma postura dialógica a fim de tornar indivíduos mais empáticos, trabalhando a valorização da diversidade, pois como já dizia Paulo Freire, 1996, p. 20, “o ensino envolve risco, aceitação do novo e a rejeição de qualquer forma de discriminação”.

Com relação a PCDs, precisamos levar em conta as limitações de cada um sim mas, não focando no déficit, que é importante, mas, no indivíduo como um todo, afinal, somos mais do que nossas deficiências.

É fundamental a interação de pessoas com deficiência e sem deficiência, de diferentes culturas, etnias, enfim, diferentes realidades, propiciando um lugar onde as diferenças sejam bem-vindas, diferentes perspectivas possam ser ouvidas com respeito e

⁶ <https://vestibulares.estrategia.com/portal/web-stories/citacoes-sobre-preconceito/>

onde cada indivíduo tenha um sentimento de pertencimento e inclusão. A educação inclusiva tem que ser uma realidade mundial, o que atrapalha, claro, é o bullying mas acredito que, com a construção de uma prática mais dialógica nas instituições de ensino, possa haver cada vez menos segregação e processos excludentes mas, algumas leis que defendem essa concepção parecem ser invisíveis à sociedade.

Em uma universidade de Michigan, o diretor de diversidade da instituição deu um exemplo que elucida muito bem o que seria ideal acontecer ao abordar os três tópicos da diversidade: diversidade, inclusão e equidade; “diversidade é onde todos são convidados para uma festa; inclusão é todos poderem participar da playlist da festa e equidade é todos terem a oportunidade de dançar ou experimentar dançar a música”⁷

Mas como a realidade está, infelizmente, longe disso pois alguns professores, por mais que saibam e concorde com uma prática mais dialógica, não é isso que muitas vezes acontece, que é justamente o contrário, onde um ouve e outro escuta, não havendo espaço para a abertura de diálogos. A escola deve ser um espaço de construção de cidadania, de aprendizagem e acolhimento e não só de administrar conteúdos tornando seus/suas alunos/alunas meros receptores e sem espaço para reflexões. Dento isso em vista, a escola, conos nos fala Lúcia de Araújo Ramos (2006), deve desenvolver práticas pedagógicas inclusivas com o intuito de promover o desenvolvimento de novas atitudes, reflexões e formas de ação. O professor deve adotar uma postura multiculturalista, dando atenção à diversidade e as diferenças, não subestimando as capacidades de seus/suas alunos/as. Também há necessidade de investir em profissionais capacitados, assim como uma formação continuada desses profissionais.

Já fora do âmbito escolar, partindo para sociedade brasileira em geral, em termos gerais, há apresentação de legislação que asseguram os direitos de todo cidadão igualmente, como explicitado na Constituição de 1988, mas poucas sociedades estão preparadas para exercer a inclusão social em plenitude. A questão é que, ao que parece, as leis favorecem algumas pessoas enquanto desfavorecem outras. E mais, as leis estão aí para serem cumpridas mas nem sempre são. Discriminações em geral deveria ser tão crime quando o racismo.

⁷Definindo diversidade, equidade e inclusão; <https://diversity.umich.edu/about/defining-dei/#:~:text=Defining%20diversity%2C%20equity%20and%20inclusion>

A arte como processo de inclusão

O ensino das artes, seja em que modalidade, é e pode ser uma ferramenta poderosa na promoção da inclusão, pode contribuir como uma forma de desconstrução de alguns conceitos pré-concebidos. Se expressar artisticamente, principalmente no contexto escolar, poderá dar ao sujeito uma perspectiva diferenciada da realidade na qual está inserido/a, possibilitando expressa-se de maneira mais “visível”, que até então, devido a diversos processos de exclusões sofridos eram tidos como invisíveis socialmente e, podendo também ajudar a ter uma consciência da realidade do outro, possibilitando uma postura mais empática e a possibilidade de uma convivência mais harmoniosa com o outro.

Dentro das diversas possibilidades de manifestações artísticas, trago a artes cênicas, que, segundo Viola Spolin (2007), jogos teatrais em sala de aula, além de ser importante no processo de socialização, permite ao indivíduo experienciar situações fora de seu cotidiano, tendo consciência de si e seu corpo através de alguma atividade lúdicas e “tornarão os/as alunos/as mais conhecedores de si” Spolin, 2007 p. 27.

O uso de boas ferramentas educacionais como combate ao preconceito é contribuir na conscientização das gerações futuras a promover uma sociedade mais acolhedora, que não propague as desigualdades mas sim reconhecer as diferenças e adquirir uma postura receptiva. Qualquer pessoa, seja PCD ou não, vai, eventualmente, encontrar alguma dificuldade naquilo que exerce e, temos que levar em conta suas limitações, dando chance daquela pessoa mostrar suas capacidades na realização de tarefas propostas, respeitando suas singularidades, sem que o/a aluno/a se sinta desprestigiado/a e que se sinta pertencente.

Considerações Finais

Para promover inclusão, não basta ter boa vontade. É importante levar em consideração que existem várias formas de preconceitos, proporções, contextos etc. Inclusão é para todos e com todos, buscando-se meios e modos de remover as barreiras do preconceito e do capacitismo.

O problema de pesquisa proposto trata da desconstrução do capacitismo no contexto escolar. Para esta desconstrução, a fim de evitar discriminações futuras, se faz necessário que sejam trabalhadas em sala de aula questões sobre diversidade e preconceito, tanto por intermédio de práticas dialógicas, que se mostram muito eficazes

para desenvolver a reflexão, quanto promovendo palestras e rodas de conversas sobre a temática, propiciando assim uma formação de caráter crítico, desenvolvimento artístico e físico e de habilidades e competências de todos os alunos. O objetivo, aqui, é promover a integração de todos à sociedade global, respeitando suas respectivas limitações, de forma que fora da escola possam adquirir mais autonomia e liberdade. Em alguns casos, também é importante contar com um/uma psicólogo/a para atendimento individual, tanto para quem sofre quanto para quem pratica o preconceito.

Falar de preconceito para quem vive na pele e, como é o caso desta autora que vos fala, tem sido uma realidade. Isto pode ser um processo complexo, pois envolve, entre outros aspectos, a autoaceitação, um processo que, na maioria das vezes é ou pode ser doloroso, de elaboração do que está acontecendo, como aconteceu e como isso repercutiu e repercute na vida do ser humano que sofre algum tipo de preconceito. Envolve também em adquirir a capacidade de olhar para si e outros/as e, no caso de pessoas com deficiência, aprender a lidar com limitações impostas ou adquiridas e, como exemplifica, na opinião nesta autora, lindamente Liane “coragem para suportar desafios” Liane Collares, 1963, p. 21.

Mesmo sabendo que infelizmente não é a realidade de algumas pessoas, é importante uma rede de apoio até para poder se falar sobre isso e como pode afetar os diversos aspectos da vida cotidiana. Um dos principais e fatores mais importantes no processo de aceitação e desconstrução do preconceito e mais, desconstrução do capacitismo, é o ambiente familiar, escolar e suas interações sociais. Há possibilidade de crescimento nas diferenças, a convivência com outras realidades, culturas, até visões de mundo diferentes pode propiciar uma convivência saudável, harmoniosa e mais empática. Não podemos achar que é algo comum, é importante contextualizar sim mas sempre havendo espaço para diálogos e reflexões sobre a temática do preconceito e tudo que ele envolve.

Originalmente meus trabalhos falam de ter uma vida “normal ou “parcialmente normal” tendo consciência das suas limitações. Por ser minha realidade enquanto uma pessoa com deficiência e ser o que conhecia desde criança, o preconceito e o bullying de uma maneira ou de outra estiveram presentes na minha vida. Com o passar dos anos, quis expandir e falar sobre outras formas de preconceito, das quais não tenho contato, quer dizer, sei que existe, tenho conhecimento mas não é a realidade com a qual convivo mais,

como é para outras pessoas além de mim, pessoas negras, LGBTQIA+, idosos, pessoas de diferentes culturas, etnias, religiões etc.

Cortella (2022), nos traz a diferença entre falar de e falar sobre, a partir disso, o artigo trás falar de experiência de sua autora e falar sobre outras realidades, outros preconceitos. Martins (2006), abordando temática de ética da inclusão, explicita que as diferenças eram vistas como algo negativo, causadora, muitas vezes, de impedimentos e incapacidades por julgarem determinada pessoa ou grupos de pessoas não aptas para exercer qualquer tipo de atividade, estimulando assim nessas pessoas “incrédulas” algumas atitudes capacitistas.

Se formos nos pautar por falatórios e olhares de estranhamentos e julgamentos, a chance de infelicidade é bem grande. Queremos as vezes nos encaixar em um padrão hegemônico, em como historicamente os sujeitos são lidos na sociedade como estereotipados, e, na maioria das vezes é, sinônimo de sofrimento psíquico.

Referências

- Allport, W. G. (1954). *The Nature of Prejudice*.
- Antunes, K. C.V. (2016) *Inclusão e exclusão: dois lados da mesma moeda. Fases de Clio: Revista discente do programa de pós-graduação em história, UFJF, Juiz de Fora*.
- Baron, Ivan. (2022). *Guia Anticapacitista*.
- Calhau, L. B. (2011). *Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão*. 3ªed. Niterói, Rio de Janeiro: Impetus.
- Carvalho, R. E. (2000). *Removendo barreiras para a aprendizagem:; educação inclusiva*. Porto Alegre: Mediação.
- Collares, L. M. (1963). *Mulher como todas*. Rio de Janeiro: WVA.
- Cortella, M. S. (2022). *Ser Humano é se junto*. São Paulo: Planeta do Brasil.
- Crochik, J. L. (1996). *Preconceito, indivíduo e sociedade*. Scielo.
- Faicion, J. R. (2008). *Inclusão escolar e suas implicações*. 2ªed. Curitiba: Ibpex.
- Faleiros, V. P. (2008). *Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes*. 2ªed. Ministério da Educação.
- Francisco, M. V & Coimbra, R. M. (2015). *Análise do bullying escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural*. Estudos de Psicologia.

- Godoy, V. K. (2012). *Preconceito e diversidade*. Companhia de imprensa
- Harriot, P. (1976). *A pessoa em psicologia*. Curso Básico de Psicologia (CBP). Zahar: Rio de Janeiro.
- Lima, M. E. O. (2004). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: EDUFBA.
- Madureira, A. F & Branco, A. U. (2022). *Diversidade e cultura da paz na escola*. Porto Alegre: mediação.
- Marchesan, A. & Carpenedo, R. F. (2021). *Capacitismo: entre a designação e a significação da pessoa com deficiência*. Revista científica Trama
- Martins, L. A. R. (2006). *Inclusão:; compartilhando saberes*. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes.
- Mello, A. G. (2016). *Deficiência, incapacidade vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC*. Scielo.
- Meyer, D. G. (2014). *Psicologia social*. 10ª ed. Porto Alegre: AMGH.
- Paula, L. D. & Branco, A. U. (2022). *Desconstrução de preconceitos na escola: o papel das práticas dialógica*. Estudos em Psicologia. Scielo.
- Sasaki, R. K. (1997) *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WWA.
- Schraiber, L. B. (2005). *Violência doí e não é direito: a violência contra a mulher a saúde e os direitos humanos*. São Paulo: UNESP.
- Scott, J. W. (2005). *O enigma da igualdade*. Estudos feministas: Florianópolis.
- Spolin, Viola. (2007). *Jogos teatrais para a sala de aula:; um manual para o professor*. São Paulo: perspectiva.
- Tassinari, M. (2019). *Empatia: A capacidade de dar à luz à dignidade humana*. Curitiba: CRV
- Vandramin, Carla. *Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo*.
- Vivarta, V. (2003). *Mídia e deficiência: diversidade*. Brasília: Andi, Fundação Banco do Brasil.
- Woodward, K. (2000). *Identidade e diferença: uma introdução conceitual*. Petrópolis: vozes.